

## A FUNÇÃO DO INTELLECTUAL NO PROJETO DE REVOLUÇÃO INTEGRALISTA POR PLÍNIO SALGADO E SEU PAPEL NA REGIONALIZAÇÃO DO MOVIMENTO

THE ROLE OF THE INTELLECTUAL IN THE PROJECT OF THE INTEGRALIST  
REVOLUTION BY PLÍNIO SALGADO AND HIS ROLE IN THE REGIONALIZATION OF  
THE MOVEMENT

Thiago Silva de Sousa<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende explorar qual função seria exercida pelo intelectual no projeto de revolução integralista do escritor Plínio Salgado, demonstrando que papéis como “pioneiro”, “educador” e “formador” são dados ao grupo social pelo autor, também objetivamos apresentar a importância dos intelectuais na regionalização da Ação Integralista, ou seja, qual a atuação dos intelectuais nas fundações de núcleos nos mais diversos estados do país, apontando-os como idealizadores, pois adaptaram os princípios do integralismo ao *modus operandi* da política local, e mobilizadores, sendo os impulsionadores do movimento nas regiões. Para efetuarmos nossa pesquisa nos versamos, principalmente, da análise da obra *Psicologia da Revolução* e da historiografia do integralismo, tanto nacional, quanto regional.

**Palavras-chave:** Revolução Integralista; Intelectuais; Integralismo.

**Abstract:** This article intends to explore what function would be exercised by the intellectual in the project of integralist revolution of the writer Plínio Salgado, demonstrating that roles such as "pioneer", "educator" and "trainer" are given to the social group by the author, we also aim to present the importance of intellectuals in the regionalization of Integralist Action, that is, what is the performance of intellectuals in the foundations of nuclei in the most diverse states of the country, pointing them as idealizers, they adapted the principles of integralism to the way of doing local politics, and mobilizers, being the drivers of the movement in the regions. To carry out our research we rely mainly on the analysis of the work *Psychology of the Revolution* and the historiography of integralism, both national and regional.

**Keywords:** Integralist Revolution; Intellectuals; Integralism.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí – Campus Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba-Pi). Email: thiagossousa06@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Em 1929 foi criada na França a revista *Annales*. Os historiadores ligados à revista passaram a questionar paradigmas fundantes do modo de pesquisa histórica vigente o que iniciou uma intensa transformação na historiografia. Embora seja um agrupamento de pesquisadores distintos, a nomeada “Escola dos *Annales*” foi responsável pelo que Peter Burke (2010, p. 17) denominou de “Revolução Francesa da Historiografia”.

Apesar de Burke (2010, p. 12) apontar que uma visão onde os *Annales* são “indiferentes à política e aos eventos” desconsidera “tanto as divergências individuais entre seus membros quanto seu desenvolvimento no tempo”, é verificável que categorias de pesquisa histórica ficaram em segundo plano dentro do projeto do grupo, entre elas a História Política e a História Intelectual.

Costumeiramente associada a estudos das “elites” ou de “grandes nomes”, a História Intelectual “estava excluída das análises propostas por não estar contemplada entre os horizontes de um dos principais grupos de hegemonia nas correntes historiográficas” (CAZETTA, 2018, p. 499), até que no último quartel do século passado houve um processo de “reabilitação” da categoria histórica, quando:

historiadores que se vinculavam à periferia dos *Annales*, em termos de consonância de trabalhos, começaram a produzir pesquisas relevantes de forma considerável, organizarem obras, e comporem, desta forma núcleos de produção independente. (CAZETTA, 2018, p. 450)

A partir de então, os “intelectuais” retornam como objetos de pesquisa histórica.

Como qualquer campo de investigação as pesquisas que se voltam para a prática dos intelectuais na sociedade findam em múltiplos olhares e enfoques diferentes para tais ações, diante dessas abordagens várias veredas se originam dependendo da priorização que se faz aos aspectos da ação intelectual, entre tais denominações há a História das ideias, História dos Intelectuais, História Conceitual etc. (WASSERMAN, 2015)

Entre esses campos o debate acerca do que pode ser considerado como “intelectual” e sua conceituação final ainda é profundo. Das comédias atenienses do século IV e V onde “sábios” eram representados com um “físico ingrato e frágil, com uma crosta de sujeira e um odor incômodos, e de um comportamento às vezes estranho” (SIRINELLI, 2003, p. 251), passando por intelectuais como “homens de cultura”, até a ideia de que “Intelectuais, vocês estão mortos!” atacada por Noberto Bobbio (1997), o que poderia ser considerado como figura de intelectualidade e seu papel efetivo na sociedade é centro de discussões.

Ao tentar apontar uma definição do verbete, Carlo Marletti aponta duas acepções:

Em primeiro lugar, ele designa uma categoria ou classe social particular, que se distingue pela instrução e pela competência, científica, técnica ou administrativa,

superior à média, e que compreende aqueles que exercem atividades ou profissões especializadas. [...] Uma segunda acepção, mais vulgar na publicidade de atualidade literária e política, para a qual Intelectuais são os escritores "engajados". [...] Menos precisa do que a primeira, esta última acepção é também a mais interessante a ser aprofundada, porque com esta se relaciona o discutido problema do comportamento político dos Intelectuais e de sua atitude crítica e problematizante, que os inclinaria para a oposição de esquerda e, não raramente, também para o apoio militante de movimentos revolucionários. (1998, p. 637)

Há apoiadores em cada um dos lados dessa dupla conceituação, do ponto de vista amplo onde a “heterogeneidade de opiniões, de posicionamentos políticos, de atividades profissionais e de comportamentos diante dos problemas e temas da sociedade” (WASSERMAN, 2015, p. 65) revelam suas vinculações partidárias e suas ações de influência nos rumos da sociedade civil; E de uma ótica mais restritiva onde tais indivíduos são sujeitos separados da sociedade civil, encarcerados em “torres de marfim”, elencados ao eterno papel de “reflexão” longe da vileza política, como declamava Julien Benda, para o qual o intelectual “traí sua função quando se envolve nas contendas políticas, em vez de reservar seu fogo intelectual e para a defesa de certos valores” (SIRINELLI, 2003, p. 259)

Com a supracitada “reabilitação” de campos como “história política” e “história dos intelectuais” entre os historiadores, alguns objetos de pesquisa retornam para a análise da pesquisa histórica, no Brasil, é o caso do integralismo que até a década de 1990 havia sido analisado academicamente, principalmente, por filósofos e sociólogos.

A historiografia do integralismo tem início em 1937, ou seja, dentro da vigência do movimento, quando Carlos Henrique Hunsche defende sua tese de doutoramento “*O integralismo brasileiro: história do movimento fascista no Brasil*”, para Oliveira (2010) esse trabalho:

possui uma importância fundamental não apenas devido ao fato de ser a primeira análise acadêmica sobre o movimento (e portando “livre” das paixões políticas que faziam parte das disputas entre aqueles de defendiam e criticavam o integralismo), mas por representar uma leitura feita dentro da estrutura de um Estado organizado nos moldes fascistas (Alemanha Nazista). (p. 120)

Contudo, é “durante a década de 1990 os estudos sobre o integralismo ganharam um verdadeiro impulso. Este passou a ser visto segundo diversos matizes, as perguntas mudaram” (OLIVEIRA, 2010, p. 132). Rodrigo Oliveira analisa o percurso da historiografia do integralismo no Brasil no artigo “*A Evolução dos estudos sobre o integralismo*” (2010), nesse trabalho o historiador divide a historiografia do tema em três “fases”<sup>2</sup> de estudos.

<sup>2</sup> É importante salientar que a divisão proposta pelo autor “é arbitrária, pois parte de uma divisão feita a partir de semelhanças presentes nesses trabalhos, ao mesmo tempo, não é uma separação fechada, existem trabalhos que poderiam ser enquadrados em mais de uma fase, devido às suas características. Em resumo, é uma divisão feita para uma melhor visualização da evolução das pesquisas sobre o tema.” (OLIVEIRA, 2010, p. 123)

A primeira fase apontada é representada pelas discussões empreendidas por Héglio Trindade, José Chasin e Gilberto Vasconcellos, e é caracterizada por debates acerca da caracterização fascista do movimento, as condições históricas de fundação do movimento e investigações sobre as inspirações políticas de Plínio Salgado. A segunda fase dos estudos, e a mais usada no presente artigo, são aqueles que se dedicaram à regionalização do movimento no interior do país, influenciados por René Gertz que após defender sua dissertação sobre a relação entre os teuto-brasileiros e o integralismo no Rio Grande do Sul, “desencadeou uma onda de estudos regionais – tendo em vista que os primeiros estudos não conseguiram (ou não pretenderam) dar conta da estruturação do movimento integralista nas diversas regiões do país” (OLIVEIRA, 2010, p. 128).

A terceira fase da historiografia do integralismo estaria vinculada a esquadramento mais profundo do tema por historiadores que trouxeram novos questionamentos às pesquisas do integralismo, tais como a participação feminina, o anticomunismo, a participação de crianças, entre outros.

É dentro das articulações entre esses eixos, a história dos “intelectuais” e a história do integralismo, que nos debruçamos sobre a obra do escritor paulista Plínio Salgado e analisaremos seu projeto de estado fascista no Brasil, limitando-nos a entender qual “função” é resguardada aos “intelectuais” nesse projeto e paralelamente quais papéis são empenhados por esses nas regionalizações da Ação Integralista Brasileira na década de 1930.

Para emprendermos nossa pesquisa nos versaremos essencialmente de uma das obras mais importantes da doutrina integralista: *Psicologia da Revolução* lançada em 1933, por Plínio Salgado. Adjunto a esses textos utilizaremos a ampla historiografia regional sobre as formações dos núcleos integralistas nos estados.

## **INTELECTUAIS NA VANGUARDA DA REVOLUÇÃO INTEGRALISTA**

Nascido no interior de São Paulo, Plínio Salgado se envolveu em serviços jornalísticos muito cedo o que o coloca dentro da “rota intelectual”, em pouco tempo o nome do paulista já aparecia entre os modernistas (GONÇALVES & CALDEIRA NETO, 2020, p. 11) É dentro de grupos modernistas, mormente o verde-amarelismo<sup>3</sup>, que alguns dos aspectos do pensamento autoritário e nacionalista de Salgado são consolidados.

Em junho de 1930 o escritor esteve de frente com Benito Mussolini, mesmo que tenha sido um encontro rápido, esse momento marcou profundamente Plínio Salgado, pois “acreditou com

---

<sup>3</sup> Corrente do movimento modernista brasileiro encabeçada principalmente por Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia, tinham como característica principal o Ufanismo.

veemência que era realmente a versão nacional daquele que tanto admirava na Itália. [...] Afirmava estar admirado com a Itália, que exalava entusiasmos nas ruas, e pensava algo semelhante para o Brasil” (GONÇALVES & CALDEIRA NETO, 2020, p. 10-11)

Ao desembarcar no país em outubro de 1930, Salgado rapidamente iniciou o processo para efetuar seu projeto de futuro *Duce*, criando o jornal *A Razão*. Financiado por seu amigo de longa data Alfredo Egídio de Souza Aranha, o jornal só esteve cerca de um ano em circulação, sendo o meio pelo qual Plínio Salgado lançou publicamente as bases de suas percepções políticas.

Para Rodrigo Oliveira (2009, p. 106) o jornal seria o principal instrumento de consolidação da ideologia fascista pliniana e o meio pelo qual conseguia arregimentar seus seguidores. Assumindo a coluna *Notas Políticas* ele escreveria todos os princípios da doutrina integralista ainda por vim, ideias como: “um partido de organização nacional, voltado à doutrinação da população em um “norte” nacionalista, utilizando assim uma organização de imprensa ideológica, além de toda uma produção teórica de obras para a construção de um *corpus* político e social” (OLIVEIRA, 2009, p. 106), estavam presentes na coluna escrita por ele no *A Razão*, dessa forma, “o que veremos mais tarde no movimento integralista é um projeto que já estava cristalizado em Salgado no jornal *A Razão*”. (OLIVEIRA, 2009, p. 106)

É a partir do jornal que Salgado conseguiu reunir outros intelectuais para a formação das Sociedade de Estudos Políticos (SEP). A SEP tinha como objetivo “organizar um grupo que pudesse discutir um novo movimento político, tendo como princípio forte nacionalismo conservador e revolucionário, seguindo assim as propostas de Mussolini” (GONÇALVES & CALDEIRA NETO, 2020, p. 13)

Ao criar a SEP, Plínio Salgado se tornou um intelectual conservador de referência, até que em maio de 1932 “sugeriu a criação de um novo grupo, como vistas a ampliar as atividades” (GONÇALVES & CALDEIRA NETO, 2020, p. 14). Mesmo com a discordância de alguns nomes que faziam parte da SEP, Salgado conseguiu formar maioria e assentou a formalidade da Ação Integralista Brasileira (AIB).

Podemos perceber, dessa maneira, que o prólogo do partido fascista brasileiro foi a formatação de um grupo de intelectuais que objetivavam debater os rumos da nação ou, como ele nomeava, um “movimento das ideias”, concepção retirada diretamente sua visita à Mussolini, escreveria futuramente em seu diário “também como eu, ele [Mussolini] pensa que antes da organização de um partido é necessário o movimento de ideias” (DORIA, 2020, p. 19)

Os líderes e intelectuais do movimento integralismo, especialmente Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale e Olbiano de Melo, acreditavam que eles:

possuíam uma “missão” e viam a si mesmos como agentes políticos capazes de produzir um projeto de transformação cultural, política e social para o Brasil. E assim indicavam a sua vocação para elite dirigente, equacionando o saber com a capacidade de agir e governar da melhor forma para o país. (RAMOS, 2011, p. 260)

A dimensão de um “movimento de ideias”, permeia toda a trajetória do integralismo, isso se visualiza na imensa produção de livros e periódicos integralista durante a década de 1930, Rodrigo Oliveira (2009) apresenta cerca de 138 jornais em todo o país ligados aos núcleos integralistas. Ramos (2011, p. 259) redarguiu que ao adentrar nas fileiras dos camisas verdes os novos militantes não traziam somente o capital monetário, como também dotavam o movimento de um capital simbólico intelectual e cultural que instigou tal produção literária e jornalística.

Do “movimento das ideias” há a formação da Ação Integralista apresentada oficialmente em outubro de 1932 com a publicação do *Manifesto de Outubro* que sintetizava as orientações e diretrizes ideológicas do movimento. Ao estudar o manifesto, Rodrigo Oliveira (2009, p. 130) conclui que ele não promovia nada de inédito em termos de ideologia, o *Manifesto de Outubro* é resultado direto dos textos e postulados teóricos apresentados por Plínio Salgado em sua coluna “Nota Política” no jornal *A Razão*.

Nesse manifesto era propalado o apreço pela autoridade, as ideias críticas que o integralista possui aos partidos políticos, no mais o documento denunciava “uma conspiração contra o Brasil e propunham um programa social para defender a família conservadora, bem como um Estado do tipo fascista, o Estado Integral. (GONÇALVES & CALDEIRA NETO, 2020, p. 15)

Tal modelo de organização de estado seria:

Diferente do liberal, mínimo e não intervencionista, o novo Estado deveria intervir e guiar todas as esferas da sociedade, controlando deste modo os rumos da nação. Seria um Estado que exerceria o seu poder “na maior órbita possível”. Aquele que “discipline e oriente as forças vivas da nacionalidade”. Também seria o responsável pelo “controle sobre as relações entre Capital e o Trabalho”. Acima de tudo seria um Estado forte, que garantiria o controle social e o poder entre os interesses individuais e coletivos. (OLIVEIRA, 2009, p. 129).

Esse modelo de “Estado Integral” seria alcançado por meio de uma revolução que ocorreria tanto no campo da ação política como no campo espiritual<sup>4</sup>, por isso era comumente nomeada de *Revolução Integralista*, *Revolução do Espírito* ou *Revolução Interior*, dessa forma “o movimento trazia para si a responsabilidade de transformar os próprios indivíduos, de mudança de comportamentos éticos e morais” (RAMOS, 2011, p. 261)

---

<sup>4</sup> O conceito de “espírito” na produção integralista não se limita, somente, a uma dimensão religiosa e espiritualista, mas significa a mentalidade humana, a psique e o pensamento.

A noção de “revolução” é constante no léxico integralista, sendo presente em muitos dos autores integralistas. Tal debate ocorreu inicialmente com o lançamento do livro *Psicologia da Revolução* por Plínio Salgado em 1933, “ao que tudo indica, este livro de Plínio Salgado é, senão a principal, uma das principais causas pela disseminação da ideia de revolução pelos textos integralistas” (RAMOS, 2011, p. 260)

A partir de então os outros intelectuais do integralismo se debruçaram sobre o termo criando suas próprias acepções de como ocorreria a “Revolução Integralista”. Para Reale e Barroso essa revolução aconteceria realizando “a manutenção de determinados elementos presentes na sociedade sobre a qual buscam intervir” (RAMOS, 2011, p. 268), Salgado idealizava algo mais “radical” e buscava a alteração completa da sociedade após a revolução dos camisas verdes.

A mudança, para Plínio Salgado, é total: tudo, desde o comportamento social até as instituições, precisa sofrer os efeitos da revolução integralista; ela não reforma, e sim *transforma* – e aqui a diferenciação entre mudança e transformação pode ser utilizada em sua plenitude –, pois o que é atingido por ela torna-se algo distinto, *inteiramente novo* inclusive em sua essência. (RAMOS, 2011, p. 268)

Na busca pelo “inteiramente novo” Salgado criaria uma “civilização”, um “novo homem”, uma “nova humanidade”, “a revolução integralista visa “cortar o mal pela raiz” – ao destruir os fundamentos básicos da sociedade, conseguiria ela dar cabo de tudo aquilo proveniente deles. Seu objetivo é criar outra civilização” (RAMOS, 2011, p. 268)

Ao escrever a obra *Psicologia da Educação* (1933), Salgado (1953, p. 10) aponta que público ele pretende atingir: “Este livro não é um livro para o povo, mas para os que pretendem influir nos destinos do povo. Aos políticos e aos intelectuais é que me dirijo nestas páginas”. Ou seja, não havia interesse que o “povo”, a massa popular, realmente entendesse a pretensa revolução, pois para ele o problema do brasileiro era uma “crise do pensamento”, dessa forma, só poderíamos alcançar as condições necessárias para o sucesso da revolução após a ação intelectual definir o pensamento correto do país.

Aqui há um dos primeiros papéis resguardados aos intelectuais no projeto de poder do integralismo, o de liderança do movimento revolucionário, eles seriam os pioneiros na condução do país, Plínio dizia que “é preciso que nós, intelectuais, tomemos conta do Brasil. Definitivamente. Temos de romper com a tradição medíocre da política. Estamos fartos de vivermos, nós, intelectuais, à sombra dos poderosos. Queremos mandar.” (GONÇALVES & CALDEIRA NETO, 2020, p. 11).

Esse pensamento acerca das elites intelectuais não era uma novidade na circulação de ideias da década de 1930, primeiramente pela própria postura do intelectual como um condutor da nação:

No Brasil, a nossa estrutura patriarcal e autoritária e a própria condição de país periférico de grande contingente de analfabetos. acabaram por reforçar ao extremo este tipo de prática. Assim, o ideal da representação, o falar em nome dos destituídos

de capacidade de discernimento e expressão, foi facilmente absorvido pelo intelectual brasileiro. Sentindo-se consciência privilegiada do "nacional", ele constantemente reivindicou para si o papel de guia, condutor e arauto" (VELOSO, 1987, p. 57)

Ou seja, o resguardo da função de dirigente estava presente nas perspectivas de futuro nacional daquele contexto, como demonstra Patrícia Schmidt (2008, p. ) "Pécaut nos alerta que a "relação massas-elites invadiu o pensamento político", e nomes como Oliveira Viana e Azevedo Amaral acreditavam que "havia a necessidade de formar uma elite que conduzisse a massa e as reformas para que pudesse se "civilizar de cima"" (SCHMIDT, 2008, p. 85) Algo semelhante diria o chefe da AIB, "A formação de elites dirigentes é escopo dessa primeira fase desta campanha. Ela deve firmar certos princípios que servirão de base à nossa consideração de mundo e fenômenos sociais" (SALGADO, 1934, p. 88). Ou seja, "era através da intervenção do intelectual que o povo iria ingressar na "era da civilização". (SCHMIDT, 2008, p. 85)

Uma segunda função designada as elites intelectuais era a "unidade do pensamento", a necessidade de se compor um "pensamento oficial" e só após essa composição que teríamos a possibilidade de um "povo disciplinado"

Mobilizar as fôrças intelectuais e morais da Sociedade. E dar unidade ao Pensamento. Só então poderemos impor unidade moral, unidade econômica e unidade política ao grupo humano a que pertencemos, o qual sofre os mesmos males das sociedades de todos os países fatigados peias hipóteses científicas. Êsse papel incumbe às elites intelectuais. (SALGADO, 1953, p. 148.)

Uma vez dada a unidade do pensamento nacional, os intelectuais se responsabilizariam pelo ensinamento dos indivíduos da nação:

Ao mesmo tempo que as linhas gerais do pensamento novo forem se cristalizando nessa corrente de espíritos livres e fortes, devemos ir formando a nova consciência das massas populares, pela divulgação dos conceitos mais elementares, em forma simples e acessíveis. Dessa maneira, chegaremos à fixação de ideais definidos, num povo disciplinado e consciente de seu destino. (SALGADO, 1934, p. 89)

Diante disso, "a mobilização de pensadores, estudiosos, intelectuais, é condição fundamental do êxito desta campanha. São eles que devem transmitir ao povo o conceito sereno da verdade" (SALGADO, 1934, p. 89), portanto, os intelectuais cumpririam a função de definir o pensamento nacional, superando a famigerada "crise do pensamento", e caberia a eles também realizar o "ensinamento" do "povo".

## **INTEGRALISMO NOS ESTADOS: UM MOVIMENTO DE ELITES INTELECTUAIS**

A historiografia do integralismo é ampla, datando da década de 1980 ela conta com múltiplos olhares para ação do integralismo no Brasil. Nesse quadro, ganha certo destaque aquelas pesquisas

que se voltam para discutir fatores relacionados à interiorização do movimento, entender como se davam as formações e atividades dos núcleos integralistas dos estados, fazem parte de um número grande de pesquisas sobre o tema.

Até o presente momento dos estudos regionais – pelo menos das obras de que temos conhecimento –, apenas as regiões periféricas apresentam estudos sistemáticos sobre a organização do integralismo. Talvez isso se deva ao fato de que durante os debates iniciais, indiretamente os núcleos centrais do movimento integralista – São Paulo, Rio de Janeiro e em menor grau Minas Gerais – eram tidos como matrizes de difusão da ideologia e do movimento. Contudo, essa interpretação é insuficiente para explicar a inexistência de tais trabalhos, principalmente se levarmos em conta que o integralismo nesses Estados não ficou restrito às capitais, tendo se expandido para o interior, e, se levarmos em conta outros exemplos regionais em que o integralismo apresentava significativas diferenças entre capital e interior (e às vezes entre regiões e cidades próximas), há uma grande lacuna nos estudos regionais que ainda necessitam ser pesquisados. (OLIVEIRA, 2010, p. 130)

Dentro desses estudos que falam sobre a organização do integralismo nas diversas regiões do país, muitos questionamentos foram feitos, desde indagações acerca das formações desses núcleos, fatores ligados à atuação do movimento no local, até questões relacionadas à composição desses núcleos. Se os papéis de “pioneiro” e “mentor” estavam resguardados aos intelectuais no projeto da Revolução Integralista de Plínio Salgado, essas funções podem ser vistas, em certo grau, no processo de regionalização desse movimento.

Salgado não descreveu exaustivamente qual a sua própria concepção de intelectual e quais eram considerados por ele como detentores de intelectualidade, contudo denunciava que no Brasil “os triunfadores na sociedade não são os mais inteligentes e cultos, porém os mais espertos e audaciosos” (SALGADO, 1953, p. 138), demonstra, portanto, que os mais “inteligentes” e “cultos” não estão entre os mandatários, ou os grandes políticos.

Tal ideia se conflita com as especificidades de formatação local dos núcleos estaduais. Se olharmos para os núcleos nordestinos podemos perceber esses meandros, como exemplo o trabalho de João Rameres Régis que ao estudar a formação do integralismo em terras cearenses, demonstrou que o integralismo no estado necessitou de ajustamentos ao modo de se fazer política vigente, ganhando como adeptos os oligarcas alijados do poder político, especialmente pós-revolução de 1930.

Essa ideia de que o movimento integralista no Ceará tinha esse diferencial [**Caráter operário**] era por demais impreciso. A aliança preferencial com a Igreja Católica na arregimentação dos setores populares e, principalmente, nas disputas eleitorais, é um indício concreto da adequação e da suscetibilidade do Integralismo aos interesses dos setores clientelísticos ávidos pelo retorno aos antigos postos de comando na administração municipal. (REGIS, 2013, p. 13)

Algo similar é encontrado no Piauí, para Thiago Sousa e Fernando Botton (2023) o integralismo no estado foi fomentado especialmente entre as elites políticas e intelectuais que foram

membros da Aliança Liberal no estado e estavam ressentidos com as ações de Vargas no estado. No Maranhão “é possível que, entres os primeiros integralistas maranhenses, alguns tenham se filiado ao movimento, vislumbrando no integralismo alternativo viável para manifestar-se contra aquela situação” (CALDEIRA, 1999, p. 31)

No estado pernambucano a pesquisadora Giselda Brito Silva (1998) também aponta essa característica, a abertura de núcleos municipais no estado também foi carregada de adaptações, pois era preciso cumprir certos acordos com chefes locais.

Em algumas destas cidades, a própria instalação de um núcleo precisava do consentimento do chefe local. Provinha daí, as dificuldades para se propagar as ideias integralistas e instalar os núcleos nessas áreas. E, mesmo em grande parte das cidades onde foram instalados núcleos integralistas, a quantidade de adeptos era bem menor em relação à dos núcleos de Recife. Muitos temiam envolver-se num movimento político, sem a presença “incentivadora” do grande proprietário local, especialmente se era uma pessoa muito respeitada ou temida na cidade. (SILVA, 1998, p. 98)

Na cidade paranaense Paranaguá, “a AIB representava uma dessas elites políticas de Paranaguá, que obrigatoriamente estava inserida no conflito local por retenção de Poder. Esta é uma tradição no Brasil desde tempos imemoriais” (ALVES, 2019, p. 68). Podemos perceber que a presença das elites econômicas locais foi de fundamental importância para a institucionalização do grupo nos estados e nas locais mais diversos do Brasil, sendo responsáveis diretamente pelo sucesso que AIB obteve na década de 1930.

A ação da elite política na reverberação da ideologia integralistas nos rincões brasileiros é fundamental, essa ação não dissociada da ação dos intelectuais locais, pois são os mesmos nomes que compõem ambos os grupos, em Pernambuco aqueles que dão impulso na ideia dos camisas verdes no estado são estudantes oriundos de Recife, onde participam desses debates, esses estudantes, geralmente, são filhos e membros das elites coronelistas da região.

Os fundadores dos núcleos no interior do estado de Pernambuco eram jovens estudantes que vinham estudar no Recife e aprendiam as “novas ideias”, mas sua permanência no movimento era outra coisa, esta dependia da aprovação dos pais: “O Integralismo partiu de gente que estudava. E quem estudava naquele tempo era gente de condições, justamente políticos já comprometidos com a política e outros mistérios de mandos.” (SILVA, 1998, p. 100)

Ou seja, aqueles que disseminaram a ideia política do integralismo no interior do estado, faziam parte de elites mandatárias, algo semelhante ao que ocorre no Piauí, onde os membros compuseram o partido eram advindos de uma camada descontente da Aliança Liberal e faziam parte do “círculo intelectual”:

Os Integralistas piauienses se reuniam ao redor de personagens ligados à formação do “círculo intelectual”, que ocorria desde a década de 1920 mobilizada pelos avanços da modernização das cidades, com o aumento do número de periódicos e

instituições de instrução pública. Desta forma, a presença de médicos, professores e funcionários públicos nas fileiras da AIB-PI era massiva. [...] Trata-se de homens de elite socioeconômica piauiense, os integralistas teresinenses eram vinculados, primeiramente, a uma camada da Aliança Liberal, especialmente aquela descontente com os rumos da revolução. (SOUSA & BOTTON, 2023, p. 263)

O núcleo da cidade mineira Juiz de Fora, foi fortemente influenciado por Gustavo Barroso, atuando com um intelectual de referência no processo de popularização da filosofia integralista e convencimentos dos novos militantes:

através da persuasão condicionada ao integralismo como ideologia, houve incontestavelmente adesão de grande parcela da sociedade brasileira, mais, especificadamente, da comunidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, por meio da figura do intelectual orgânico esboçada através de Gustavo Barroso. (AMANCIO, 2021, p. 165)

O núcleo juiz-forano esteve intrinsecamente ligado ao Instituto Granbery, ligada à Igreja Metodista, e sob a liderança do professor Oscar Machado, que depois foi o primeiro presidente do núcleo integralista municipal. A própria trajetória do núcleo regional de Minas Gerais é vinculada a intelectualidade, pois o primeiro integralista do estado foi na cidade de Teófilo Otoni, ainda em 1932, cidade natal do intelectual integralista Olbiano de Melo e conhecida com um centro de difusão da ideia dos camisas verdes no estado:

Ao longo de 1933, Olbiano de Melo divulgava o sigma em Minas Gerais por meio de artigos na imprensa mineira e através de impressos que distribuía pelo estado. Este intelectual de Teófilo Otoni permaneceria como Chefe Provincial mineiro até fins de 1935, quando alega motivos de saúde para se licenciar desta função. A militância de Olbiano de Melo contribuiu bastante para a disseminação do integralismo em Minas Gerais. Sobretudo, o núcleo de Teófilo Otoni atuou como um modelo a ser seguido pelos primeiros núcleos que se formavam em terras mineiras. (PIMENTEL, 2021, p. 12)

Além dos estados supracitados, Pernambuco, Piauí e Minas Gerais, outros estados tiveram a fundação do núcleo integralista vinculadas a lideranças da intelectualidade locais, como o Espírito Santo onde “a AIB na cidade de Vitória estava inserida em meio à intelectualidade da capital, recebendo homenagens de organizações como o Instituto Histórico e Geográfico e Grêmio Literário Rui Barbosa, bem como de influentes figuras da sociedade local.” (STANGER, 2019, p. 30), Maranhão, ao apontar que novos integrantes tinham:

Aderido ao movimento empolgados pelo conteúdo dos artigos de Nascimento Moraes e Ribamar Pereira, ou por influência de Cássio Miranda; diversos deles podem ter sido atraídos pela ideologia integralista etc. Nesse período, entre as principais atividades dos primeiros integralistas maranhenses – que vestiam a camisa verde do movimento – incluíram-se as de estudar e divulgar a ideologia integralista. (CALDEIRA, 1999, p. 31)

Destarte, averiguamos que é a camada intelectualizada das sociedades dos interiores do país que iniciam os processos de implantação dos núcleos da Ação Integralista nos seus respectivos

estados, sendo essenciais para a divulgação da doutrina. Héglio Trindade sintetiza a presença dos intelectuais na ação integralista dos estados na tabela abaixo, onde demonstra a estratificação social dos membros desses núcleos regionais:

*Origem social do conjunto dos dirigentes nacionais e regionais (em números absolutos)  
[Dir./Nac.: Chefe Nacional, departamentos ou secretarias nacionais, órgãos executivos e  
Câmara dos Quarenta. Dir./Reg.: Chefes arquiprovinciais e provinciais e Câmara dos  
Quatrocentos]<sup>356</sup>*

	Direção Nacional	Direção Regional	Total
1. Burguesia	7	63	70
2. Média burguesia intelectual	45	259	304
3. Média burguesia militar	11	35	46
4. Média burguesia de pequenos proprietários	0	23	23
5. Pequena burguesia dos empregados e funcionários	0	44	44
6. Camadas populares	0	14	14
7. Sem especificação	1	23	24
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>461</b>	<b>525</b>

TRINDADE, 1979, p. 142

Podemos perceber que quase 60% daqueles que lideravam os núcleos regionais eram oriundos de camadas da denominada “média burguesia intelectual”. Todavia, se estamos nos indagando qual a atribuição dos intelectuais regionalização do integralismo? é necessário questionar, Quem Intelectuais são estes? pois Norberto Bobbio (1997) nos alerta do perigo de convencionar o intelectual:

Falar dos intelectuais como se eles pertencessem a uma categoria homogênea e constituíssem uma massa indistinta é uma insensatez: a uma afirmação peremptória como “os intelectuais traem” deve se imediatamente perguntar: “Precisamente todos? E se não todos, quais? (BOBBIO, 1997, p. 09)

Trindade (1979, p. 132) compõe o quadro acima elencando a posição de classe a partir das profissões de cada um setor, para ele a Burguesia eram “grandes comerciantes, industriais e proprietários rurais”, a “Média burguesia intelectual” se caracterizava por “profissionais liberais, escritores, professores universitários, altos funcionários, jornalistas, estudantes” e a “Média burguesia militar” por “oficiais superiores do exército e da marinha”.

Podemos perceber que para consideração do que seria o intelectual, ligado pelo autor à ideia de burguesia, refere-se a qualquer pessoa alfabetizada e que não fosse proprietários industriais ou de terras e não fosse operário, é inclusive uma das subdivisões oferecidas pelo autor para o conceito de classe-média:

Parece válido estabelecer uma distinção no interior das classes médias para melhor precisar o conteúdo desta expressão no presente estudo. Define-se como classes médias no Brasil dos anos 30, duas categorias sociais: a média burguesia dos profissionais liberais e oficiais das forças armadas (classe média superior) e a pequena burguesia dos pequenos proprietários urbanos rurais e os burocratas do setor público/privado (classe média inferior) (TRINDADE, 1979, p. 131)

A partir dessas distinções e definições que dão rosto ao intelectual que faz parte do integralismo nas regiões, inibindo generalizações, esse intelectual não é o membro da elite política, mas é também o professor, jornalista, estudante, entre outros. Faz-se necessário pensar também, de um ponto de vista classista, o que leva essa camada da população aderir ao discurso fascista.

Hélgio Trindade (1979) redarguir que a entrada daqueles que pertencem a base social da AIB se diferencia dos regimes fascistas europeus, pois:

Ao contrário da Europa, onde as classes médias se sentiam ameaçadas seja pela crise econômica seja pela perda de status ou pela agressividade da luta operária, as classes médias do Brasil desta época, encontravam-se geralmente em rápida ascensão social e à procura de uma posição de poder na sociedade (TRINDADE, 1979, p. 140)

O contexto político, contudo, não favorecia essa busca de ascensão da classe média, isso porque, para o pesquisador, havia “ausência de um projeto político capaz de as libertar do controle das classes dominantes tradicionais” (TRINDADE, 1979, p. 140), diante desse quadro, as classes “tendem assim engajar nos movimentos de direita e de esquerda que parecem representar instrumentos políticos válidos independentes do sistema estabelecido” (TRINDADE, 1979, p. 140), daí o sucesso de grupos tão rivais durante a década de 1930, como o integralismo, representante da extrema-direita fascista e anticomunista, e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), representante de setores antifascistas e aderentes a causa socialista.

Diante do exposto podemos definir o grau de participação que os intelectuais possuem na formação dos núcleos regionais, não é apenas uma função teórica resguardados a eles no projeto revolucionário, eles atuam diretamente no processo de institucionalização e sucesso do movimento no país.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, podemos perceber que o integralismo é pensado, principalmente, como um “movimento de ideias”, sendo constituído para dar aplicabilidade aos projetos políticos debatidos e construídos nas reuniões das Sociedades de Estudos Políticos, inspirado pelo regime fascista europeu, Plínio Salgado queria compor um grupo de pensadores para definirem os rumos da nação.

Dentro desse projeto os “intelectuais” possuem um espaço importantíssimo, sendo responsabilizados por darem a dimensão teórica da nação, cunhando o pensamento correto e nacionalista para o povo, uma vez definidos esse ideal e superado a “crise do pensamento” da sociedade, os “intelectuais” se responsabilizariam pelo ensinamento do povo, por educar a sociedade dentro dos novos parâmetros da sociedade e com isso seriam os pioneiros da Revolução Espiritual ou Revolução Integralista, estando na vanguarda do movimento rumo a vitória.

Também demonstramos que para além do papel no projeto de revolução futura, são os intelectuais os principais motivadores da regionalização do integralismo, sendo as elites políticas e intelectuais das sociedades locais do país as responsáveis por adaptar a ideologia e principalmente por instituir os movimentos nesses locais.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Luís Felipe. *As elites integralistas em Paranaguá nos anos de 1930: organização e estruturas sócios-afetivas*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- AMANCIO, Vanessa Aparecida Lobo. *Intelectualidade e Ideologia: Gustavo Barroso e o Integralismo em Juiz de Fora*. In: PIMENTA, Everton Fernando. GONÇALVES, Leandro Pereira. *Ação Integralista em Minas Gerais: estudos e historiografia*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021. p. 157-166.
- BOBBIO, Norberto. *Intelectuais e Poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- CALDEIRA, João Ricardo Castro. *Integralismo e Política Regional: A Ação Integralista no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.
- CAZETTA, Felipe. *Reflexões sobre a história intelectual através de movimentos extremistas de direita: integralismo lusitano e ação integralista brasileira*. In: *Tempos Históricos*, v. 22, n. 22, p. 498-519, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/19378>. Acesso em: 08 maio de 2023.
- DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira: como o integralismo, maior partido de extrema-direita do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo*. São Paulo: Planeta, 2020.
- GONÇALVES, Leandro Pereira. CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.
- MARLETTI, Carlo. *Intelectuais*. in: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Gianfranco. 11º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 637-640.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Prefácio*. In: PIMENTA, Everton Fernando; GONÇALVES, Leandro Pereira. (org.) *Ação Integralista em Minas Gerais: Estudos e Historiografia*. Juiz de Fora: Editora UFJF. 2021. p. 7-9.

- RAMOS, Alexandre Pinheiro. *A “Revolução Necessária”: o conceito de revolução nos textos dos intelectuais da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. In: *Dimensões*, v. 26, 2011. p. 2555-276
- REGIS, João Rameres. *O Integralismo no interior do Ceará (1932-1937): adequações ao jogo político local*. In: *XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal, 2013.
- SALGADO, P. *A Psicologia da Revolução*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1953.
- SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1934.
- SCHMIDT, Patrícia. *Plínio Salgado: discurso integralista, revolução espiritual e a ressurreição da nação*. Dissertação (Mestrado em História) Centro de filosofia e ciências humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- SILVA, Giselda Brito. *O Integralismo em Pernambuco durante a década de 1930*. In: *Revista de Pesquisa Histórica Clio*, vol. 18, nº 01, p. 93-108, 1998.
- SIRINELLI, Jean-François. *Intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.
- SOUSA, Thiago Silva. BOTTON, Fernando Bagiotto. *Integralismo no Piauí: formação, composição e propaganda*. In: SOUSA JÚNIOR, Manuel Alves. SOBRAL, Luciana Ornety da Gama. *Amantes do Passado: educação, territorialidades e espacialidades históricas*. Itapiranga: Schreiber, 2023. p. 253-269.
- STANGER, Diego. *A Ação Integralista Brasileira e sua atuação política no Espírito Santo*. In: *Revista Ágora*, nº 29, Vitória, 2019. p. 28-48.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *A Evolução dos estudos sobre o integralismo*. In: *Revista de Estudos Ibero-Americanos*, v. 36, n. 01, 2010. p. 118-139.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa Integralista, Imprensa Militante*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- PIMENTEL, Guilherme Costa. *O Integralismo em Minas Gerais: desenvolvimento entre 1932 e 1935*. In: PIMENTA, Everton Fernando. GONÇALVES, Leandro Pereira. *A Ação Integralista em Minas Gerais: estudos e historiografia*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021. p. 11-26.
- WASSERMAN, Claudia. *História Intelectual: Origens e Abordagens*. In: *Tempos Históricos*, v. 19, 2015. p. 63-79.
- TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. São Paulo: Difel, 1979.